

## **FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO E A FILOSOFIA PARA INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL**

Patrícia de Oliveira dos Santos<sup>1</sup>  
Leidiani da Silva Reis<sup>2</sup>

### **INTRODUÇÃO**

A formação de professores para a inclusão de alunos com deficiência intelectual no ensino médio representa um desafio complexo e multifacetado. A necessidade de uma formação inicial, continuada e permanente que prepare os docentes para atender à diversidade em sala de aula é cada vez mais evidente, em consonância com as teorias de inclusão social defendidas por autores como Saviani (2011) e Mantoan (2015). Trata-se de um estudo inicial que se propõe a investigar algumas contribuições da filosofia, enquanto área do conhecimento, para as reflexões sobre ações pedagógicas inclusivas, buscando fornecer subsídios teóricos e metodológicos para a atuação docente.

Ao analisar de que forma a filosofia pode fundamentar e enriquecer a formação de professores do ensino médio para a inclusão de alunos com deficiência intelectual, busca-se identificar os principais desafios enfrentados pelos professores no contexto da inclusão, explorar alguns conceitos filosóficos que podem auxiliar na compreensão da deficiência intelectual e no desenvolvimento de estratégias pedagógicas inclusivas.

A justificativa para esta pesquisa reside na importância de qualificar a prática docente, promovendo uma educação de qualidade para todos, conforme delineiam os princípios da inclusão. A filosofia, com seu potencial de reflexão crítica e análise conceitual, pode oferecer ferramentas valiosas para os professores repensarem suas concepções sobre a deficiência, o aprendizado e o papel da escola na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

### **1 METODOLOGIA**

Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico, de natureza qualitativa. A opção pela abordagem qualitativa justifica-se, inicialmente, pela busca em compreender as percepções a respeito dos desafios enfrentados pelos professores do ensino médio no contexto da inclusão. A revisão bibliográfica de obras de referência sobre inclusão, filosofia e formação de professores se faz necessária para refletir sobre esses desafios, buscando apontar algumas abordagens filosóficas que podem auxiliar na compreensão da deficiência intelectual e nas possibilidades de atuação dos professores de filosofia no ensino médio. Para isso, a pesquisa conta com as contribuições de Mantoan (2015) e Saviani (2011), além do resgate do pensamento de Freire (1996), Skliar (2003) e Sartre (1987). A pesquisa busca identificar as contradições e os desafios presentes no debate teórico sobre a inclusão, bem como as possibilidades de transformação a partir do diálogo entre diferentes perspectivas teóricas, envolvendo a formação de professores e as possíveis

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Segunda Licenciatura em Educação Especial Inclusiva – 1º Semestre/2025. Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Laranjeiras do Sul. patty2014.ps9@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Letras - Linguagem e Sociedade. Orientadora. Prof.<sup>(a)</sup> do Curso de Segunda Licenciatura em Educação Especial Inclusiva da Universidade Federal da Fronteira Sul. leidiani.reis@uffs.edu.br

contribuições da filosofia. Ao final desta seção, é importante ressaltar que a metodologia escolhida busca fornecer um panorama geral e reflexivo sobre o tema, articulando diferentes fontes de informação e perspectivas teóricas para a construção de um conhecimento teórico relevante para a formação de professores.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico desta pesquisa fundamenta-se em autores que discutem a inclusão escolar, a formação de professores e algumas contribuições da filosofia para a educação. Nesse contexto, no que tange às percepções sobre os desafios enfrentados pelos professores do ensino médio no contexto da inclusão, a pesquisa conta com a leitura de obras como *Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?* de Maria Teresa Eglér Mantoan (2015) e *Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações* de Dermeval Saviani (2011). Esses autores oferecem subsídios teóricos para a compreensão da inclusão como um processo que vai além da simples inserção de alunos com deficiência na escola regular, implicando em transformações na organização, na prática pedagógica e na cultura escolar.

A partir de Paulo Freire, em sua obra *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa* (1996), a compreensão do ensinar ganha novos rumos no contexto da inclusão no ensino médio, pois o ensinar está longe de qualquer discriminação, aproxima-se e exige o risco e a aceitação do novo, o que inclui, evidentemente, a própria deficiência intelectual. Por isso, a leitura da obra *Pedagogia (improvável) da alteridade*, de Carlos Skliar (2003) se faz necessária para compreender como a filosofia pode contribuir para a formação de professores e fornecer ferramentas para a reflexão crítica sobre os conceitos de normalidade e diferença, que são centrais no debate sobre a inclusão. Autores como Skliar discutem a importância de desconstruir as representações negativas sobre a deficiência e de valorizar a diversidade como inerente à condição humana.

Além disso, a filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre em *O existencialismo é um humanismo* (1987) oferece ferramentas que podem auxiliar os professores do ensino médio a desenvolverem uma postura ética e engajada, comprometida com a construção de uma escola inclusiva que promova o desenvolvimento pleno de todos os alunos e, especialmente de alunos com deficiência intelectual. Em suma, o referencial teórico desta pesquisa busca articular diferentes perspectivas teóricas para a construção de um quadro conceitual que sustente a discussão teórica da formação de professores e das contribuições da filosofia para a inclusão de alunos com deficiência intelectual no ensino médio.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Mantoan (2015) nos oferece uma perspectiva fundamental ao definir a inclusão como um processo de transformação da escola e da sociedade, pois

Se o que pretendemos é que a escola seja inclusiva, é urgente que seus planos se redefinam para uma educação voltada para a cidadania global, plena, livre de preconceitos e que reconhece e valoriza as diferenças. [...] a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral. (Mantoan, 2015, p.14-16).

Essa transformação implica, necessariamente, em repensar a formação docente, que, segundo Nóvoa (1992), deve ser entendida como um processo contínuo e multifacetado. Não se trata apenas de fornecer aos professores do ensino médio um conjunto de técnicas e estratégias, mas de promover um desenvolvimento profissional que envolva a reflexão crítica sobre a sua própria prática e a construção de uma identidade docente comprometida com a inclusão.

Saviani (2011) contribui para essa discussão ao analisar a pedagogia histórico-crítica. Segundo o autor,

Tratava-se de percebê-la como também determinada por contradições internas à sociedade capitalista, na qual se inseria, podendo não apenas ser um elemento de reprodução mas um elemento que impulsionasse a tendência de transformação dessa sociedade. (Saviani, 2011, p. 79).

Nesse sentido, o autor destaca a importância de uma educação que promova a emancipação e a transformação social, não meramente reprodutivista. No contexto da inclusão no ensino médio, essa perspectiva nos desafia a superar a visão de que a deficiência é um problema individual, buscando compreender as barreiras sociais e institucionais que dificultam a participação e o aprendizado dos alunos com deficiência intelectual.

Freire (1996), por sua vez, lembra-nos da importância do diálogo e da problematização na prática educativa. Para incluir efetivamente os alunos com deficiência intelectual, é necessário propiciar condições para que eles possam “assumir-se”. Esse “assumir-se” na visão freiriana revela o reconhecimento do próprio sujeito em todas as suas dimensões, assim como aponta a necessidade do professor também buscar identificar as potencialidades, as características e a identidade cultural dos alunos. Os professores do ensino médio precisam estar dispostos a ouvir suas vozes, a valorizar seus conhecimentos e a construir um processo de ensino-aprendizagem que seja significativo para eles. E como afirma Saviani (2011, p. 84), “resgatar a importância da escola e reorganizar o trabalho educativo” se torna fundamental.

É pensando nisso que Skliar em sua obra *Pedagogia (improvável) da alteridade* (2003) nos convida a refletir de forma filosófica sobre o real significado da própria prática pedagógica, questionando as concepções tradicionais de normalidade e diferença. Para Skliar (2003, p.39), “não temos, nunca, compreendido o outro. O temos, sim, massacrado, assimilado, ignorado, excluído e incluído”. A diferença não é pensada como se deveria, é apenas vista como um problema que precisa ser resolvido. No entanto, esse resolver muitas vezes se resume na padronização, na mesmice e até mesmo na exclusão. Qual é ou qual deve ser o lugar do outro e do diferente no âmbito escolar? A diferença deve ser condicionada ao lugar onde se está inserido ou é o lugar que deve moldar-se conforme as diferenças?

Segundo Maia (2020, p. 241), “a inclusão que temos hoje é uma inclusão que mascara as diferenças, que nos faz tolerar o outro, sem sequer sabermos quem é esse outro”. Quem é o outro que possui deficiência intelectual? De acordo com Santos (2012), a característica fundamental da deficiência intelectual é o prejuízo cognitivo e exige-se do professor uma atuação mais próxima, no sentido de acompanhar o objetivo escolar e as habilidades que se espera desenvolver. Daí um dos principais desafios enfrentados pelos professores no contexto da inclusão: compreender o que é deficiência intelectual e compreender o que é, de fato, a inclusão.

No entanto, a implementação da inclusão enfrenta diversos desafios que impactam diretamente o trabalho dos professores. A falta de formação adequada,

mencionada por Nóvoa (1992) como um problema persistente na profissão docente, agrava-se no contexto da inclusão, em que as demandas são ainda mais específicas e complexas. Concepções equivocadas sobre a deficiência, o medo do desconhecido e a resistência à mudança podem dificultar a construção de uma prática pedagógica inclusiva. Nesse sentido, a filosofia pode auxiliar os professores a desenvolverem uma postura ética e engajada, comprometida com a construção da inclusão escolar, promovendo o desenvolvimento pleno de todos os alunos, especialmente de alunos com deficiência intelectual.

A reflexão crítica proposta por Freire (1996) e a desconstrução das representações negativas sobre a diferença, discutida por Skliar (2003), são fundamentais para transformar a mentalidade dos educadores. Já a filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre aborda outro aspecto da problemática: a responsabilidade e os possíveis caminhos para a formação de professores. Para Sartre,

[...] O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo: é esse o primeiro princípio do existencialismo. É também a isso que chamamos de subjetividade [...] o primeiro passo do existencialismo é o de pôr todo homem na posse do que ele é de submetê-lo à responsabilidade total de sua existência. Assim, quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que o homem é apenas responsável pela sua estrita individualidade, mas que ele é responsável por todos os homens. (Sartre, 1978, p.10-11).

A responsabilidade considerada sob o viés da filosofia existencialista lembra da importância da liberdade e da responsabilidade individual. Essa perspectiva pode ajudar a valorizar a autonomia dos alunos com deficiência intelectual, reconhecendo sua capacidade de fazer escolhas e de construir seus próprios projetos de vida. Ao invés de tratá-los como objetos de intervenção, considera-se relevante vê-los como sujeitos ativos, capazes de aprender, crescer e desenvolver. Nesse aspecto, uma das principais características do conhecimento filosófico pode ser utilizada quantas vezes forem necessárias: a problematização.

A problematização pode fazer, de acordo com Saviani (2011, p. 122), com que o aluno se aproxime do professor e estabeleça “uma relação sintética com o conhecimento da sociedade”, não deixando de lado os conteúdos, mas priorizando o pensamento crítico e reflexivo, articulando teoria e prática. A responsabilidade que o professor deve assumir é criar um ambiente que favoreça essa autonomia e o protagonismo dos estudantes. Já à escola cabe a promoção da formação inicial, continuada e permanente dos professores, tendo em vista que a responsabilidade também é da instituição.

Em síntese, a análise desses autores revela que a formação de professores para a inclusão de alunos com deficiência intelectual no ensino médio é um processo complexo e desafiador, que exige uma mudança de paradigma na educação, da visão do próprio professor e da promoção de formação adequada. É preciso desenvolver estratégias pedagógicas inclusivas e propor caminhos que contemplem a dimensão filosófica da inclusão, tais como a problematização nas aulas.

## CONCLUSÃO

Este estudo se propôs a analisar algumas das contribuições da filosofia para a formação de professores do ensino médio, com foco na inclusão de alunos com deficiência intelectual. A investigação partiu da reflexão em torno da necessidade de

uma formação docente que contemple as especificidades da deficiência intelectual e o potencial da filosofia para fundamentar ações pedagógicas inclusivas a partir da problematização.

Os resultados e discussões apresentados evidenciaram a complexidade desse tema, revelando que a formação de professores para a inclusão é um processo que vai além do domínio de técnicas e estratégias. A filosofia, nesse contexto, convida a questionar as concepções tradicionais sobre a deficiência, a valorizar a diversidade e a promover a autonomia dos alunos. Além disso, ela oferece ferramentas para analisar os discursos que circulam na sociedade e na escola, buscando desconstruir preconceitos e estereótipos que podem limitar o desenvolvimento dos alunos com deficiência intelectual. A partir disso, possibilita o uso da prática pedagógica da problematização como forma de incentivar o pensamento autônomo dos alunos e promover a articulação entre teoria e prática.

No entanto, a pesquisa também apontou para os desafios enfrentados pelos professores no contexto da inclusão, como a falta de formação adequada, a ausência de recursos e as atitudes negativas em relação à deficiência. Diante desses desafios, a filosofia pode desempenhar um papel crucial, auxiliando os professores a desenvolverem uma postura ética e engajada, comprometida com a construção de uma escola mais justa e inclusiva.

Em suma, este estudo inicial reforça a importância de uma formação de professores que integre a dimensão filosófica da inclusão, preparando os educadores para atuarem de forma crítica, reflexiva e transformadora, promovendo o pleno desenvolvimento de alunos com deficiência intelectual e possibilitando repensar novas ações pedagógicas.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MAIA, S. G. **Em nome do outro: Reflexões sobre as ideais de Skliar**. Revista Aleph, Niterói, v.1, n. 35, p.238-252, 2020.

MANTOAN, M.T. E. **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2015.

NÓVOA, A. **Formação de professores e profissão docente**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SANTOS, D. C. O. **Potenciais dificuldades e facilidades na educação de alunos com deficiência intelectual**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 38, n. 4, p. 935-948, out./dez. 2012.

SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SKLIAR, C. **Pedagogia (improvável) da alteridade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.